

em Santa Maria da Feira

## Rushdie diz que "Deus foi o maior erro da humanidade"

Andréia Azevedo Soares

Escritor diz que o homem fez de Deus motivo de conflito e que as religiões politeístas inspiram a ficção. Quatro horas de debate em que a literatura andou quase sempre longe

O escritor britânico nascido na Índia Salman Rushdie, de quem se espera sempre alguma polémica, confessou ontem sentir-se "quase um conservador" face às intervenções do filósofo Anselmo Borges e do arqueólogo Cláudio Torres no V Simpósio Sete Sóis Sete Luas, em Santa Maria da Feira.

"À minha direita, ouvi que Deus nunca falou com um ser humano e, à minha esquerda, que o Corão foi escrito 200 anos depois de Maomé", disse o autor de "Os Versículos Satânicos" (1988), obra que lhe valeu a condenação à morte pelo líder iraniano ayatollah Khomeini, e que lançou este ano Shalimar, o Palhaço (D. Quixote).

A pergunta "Qual é o Deus do Mediterrâneo?" serviu de mote ao debate, moderado pelo jornalista Carlos Magno, que esgotou ontem à tarde todos os lugares disponíveis do auditório da Biblioteca Municipal da Feira. Ao fim de quatro horas de discussão, não se chegou a nenhuma resposta cabal - e ainda bem, porque é assim que Rushdie acredita que devem ser tratadas as questões religiosas. "Com democracia, com pessoas a questionar as coisas numa sala cheia como esta, com uma discussão contínua que nunca derivará numa resposta", defendeu o escritor cujo talento foi reconhecido com Os Filhos da Meia-noite (1981), o seu segundo romance.

O tema da religião reinou ao longo de todo o debate - algo que o escritor indiano acharia "inimaginável" há 40 anos, quando a fé "se confinou à espera privada" - e Deus foi muitas vezes referido como uma "invenção do homem". Rushdie chegou a dizer que "Deus foi o maior erro da humanidade". Isto, porque o indivíduo criou o divino para "compreender melhor a sua origem e a razão da sua existência" e, depois, aquilo que deveria ser uma solução tornou-se motivo de conflitos. Por outro lado, o autor reconheceu que "a vantagem das religiões [politeístas] é que os dogmas podem tornar-se ficção".

"Sendo escritor, retiro muitos benefícios da fábula do politeísmo. Na Índia, há 300 milhões de deuses para mil milhões de habitantes. Isto quer dizer que cada 3,3 pessoas tem direito a um deus", brincou o escritor, que nasceu em Bombaim e acredita ser "um privilégio crescer num ambiente de tamanho pluralismo". Tantos deuses podem até permitir, imagina Rushdie, que se um dia a população diminuir, cada um tenha o seu deus pessoal.

Durante a sua intervenção, Anselmo Borges fomentou a releitura crítica das escrituras sagradas e levantou a questão dos versos satânicos que foram suprimidos do Corão, história que deixou incompleta para que Salman Rushdie acrescentasse mais detalhes.

## **Como é que Deus sabia falar árabe?**

O autor aceitou mais tarde a deixa e avançou hipóteses: Teriam as frases removidas do texto sagrado, que os muçulmanos acreditam ter sido ditado por Deus a Maomé, sido sussurradas ao ouvido do profeta por um ente diabólico? O filósofo da Universidade de Coimbra frisou em seguida "que todos já perceberam que o Corão não é ditado, nenhum livro sagrado é o resultado de um ditado, nunca ninguém ouviu Deus falar directamente com o seu crente".

Mais: como se pode falar da transcrição fiel da palavra divina se, como sustentou Cláudio Torres, o Corão foi escrito "pelo menos dois séculos" após a morte de Maomé? Salman Rushdie citou um raciocínio filosófico que parte do facto de Deus não ter qualquer característica humana, à luz do islamismo, para questionar como é que Ele sabia falar árabe para ditar os versos sagrados.

"Deus transmitiria a sua mensagem em qualquer dialecto divino e, para que esta informação se tornasse o Corão, já estamos a admitir que houve uma forma de interpretação humana", reflecte o romancista. E, se assim é, não há que ter medo de questionar, contestar, reinterpretar e traduzir o sagrado com olhos contemporâneos. Esta é a receita para um islão que quer "realmente fazer parte do mundo moderno".

## **Escritor dispensaria a fama que a perseguição iraniana lhe rendeu**

Rushdie não revelou nada sobre o próximo livro, que deverá ser lançado em 2007, e respondeu com extrema habilidade às questões políticas colocadas pelos jornalistas ao fim do debate. Desviou-se de quaisquer comentários sobre a visita do Papa à Turquia e da possível adesão deste país a União Europeia e não se pronunciou sobre a polémica da utilização de véus na França. Mas não conseguiu escapar ao Irão, onde foi emitida a 14 de Fevereiro de 1989 uma fatwa - uma condenação à



PÚBLICO 02-12-2006

morte, na prática - por líderes ortodoxos. "Não sei o que os iranianos pensam de mim, excepto o facto de que numa determinada altura eles quiseram matar-me e, agora, já não parecem tão interessados", disse o autor, que já não anda rodeado de seguranças. A perseguição de que foi vítima nos anos 90, por outro lado, projectou mundialmente a sua obra. "Não agradei a ayatollah Khomeini por isso e não vejo o que aconteceu como um dispositivo de publicidade para os meus livros. E, se alguém duvida disso, encorajo vivamente a que essa pessoa experimente o que vivi", afirmou durante a conferência de imprensa.